

Na polifonia de uma orquestra: uma pesquisa clínica com grupos sobre a experiência alucinatória

(In the polyphonies of orchestra: a clinical research study with groups on the hallucinatory experience)

Nuria Malajovich Muñoz

Os grupos de ouvidores de vozes surgiram na Holanda, no final dos anos 80, com o intuito de oferecer a pessoas com esse tipo particular de vivência a oportunidade de compartilhá-las em um coletivo (Romme & Escher, 1997). A iniciativa parte da idéia de que o problema principal não reside no fato de ouvir vozes, mas na dificuldade de estabelecer algum tipo de convivência com elas. A troca de experiências e a produção de narrativas pessoais sobre o assunto surgem como uma alternativa ao saber psiquiátrico acerca da alucinação auditiva verbal.

Diferentemente do enfoque psicopatológico tradicional que privilegia o ponto de vista de um observador externo diante do fenômeno, essa abordagem inclui e valoriza a incidência subjetiva da vivência e acompanha seus desdobramentos na relação do sujeito com o mundo. A audição de vozes não é encarada como a expressão natural de um processo de adoecimento, mas na pluralidade de formas e modos como se manifesta. Ao não se restringir ao quadro referencial da psicopatologia, toma-se a audição de vozes dentro do contexto mais amplo da vida das pessoas, inserindo-a na vasta gama das experiências subjetivas humanas (Vasconcelos, 2003).

Essa abordagem traz uma perspectiva interessante para aqueles que, apesar de realizar um tratamento contínuo, continuam a ouvir vozes, para os que têm uma relação recente com o fenômeno, ou ainda os que vivem esta experiência com muita angústia e sofrimento. Inspirado na iniciativa holandesa, o Laboratório de Psicopatologia e Subjetividade da UFRJ realizou uma pesquisa, coordenada pelo professor Octavio de Serpa Jr intitulada **Ouvir Vozes: Um Estudo sobre Alucinação Auditiva Verbal**. Foram estabelecidos grupos de ouvidores de vozes em serviços da Rede Pública de Saúde, no Município do Rio de Janeiro, com o desafio de propor uma abordagem psicopatológica que incluía a experiência vivida do sofrimento psíquico e que possa ser disponibilizada como

ferramenta para o trabalho nos novos dispositivos assistenciais em saúde mental. O Laboratório confeccionou ainda um manual voltado para profissionais de saúde, usuários e familiares sobre a experiência de ouvir vozes que está em fase de finalização.

Propomos pensar, a partir do referencial psicanalítico e de nossa experiência na coordenação de um grupo de ouvidores de vozes, a função do dispositivo para sujeitos psicóticos. O grupo dirigido para a clientela atendida no Centro de Atenção Psicossocial Arthur Bispo do Rosário foi realizado semanalmente ao longo de dezoito meses, oferecendo um espaço de discussão, investigação e troca de experiências sobre a escuta de vozes.

Ouvir vozes é uma experiência plural que pode comportar inúmeras formas de apresentação. A psicanálise, com Lacan, toma a alucinação na psicose sobre o registro onde o fenômeno aparece, ou seja, na linguagem. A alucinação auditiva é considerada verbal (Lacan, 1962-63), estruturada como fenômeno significante, como um distúrbio da linguagem. Opõe-se assim à definição adotada pela maioria dos manuais de psicopatologia que concebe a alucinação como uma percepção clara e bem definida de um objeto cujo estímulo real se encontraria ausente. A alucinação é tomada, sob essa ótica, como uma percepção sem objeto, perspectiva à qual Lacan (1957-58) se opôs duramente. Considera a alucinação como produto de uma falha na organização da linguagem, resultante da ausência do elemento central que viria ordená-la. Ao prescindir da norma e do senso comum, o psicótico precisa recorrer a um artifício próprio para habitar a linguagem.

Tratar a linguagem é, portanto, um desafio que concerne à clínica da psicose e que requer a produção de modos de amarração inusitados que dispensem as convenções estabelecidas pelo código da língua. Embora o dito psicótico se coloque fora da significação compartilhada, pode circunscrever e barrar o desarrimo da linguagem. Ter acesso aos restos e sobras trazidos pelos ouvidores de vozes ao relatarem suas experiências permite localizar caminhos que freiem a produção alucinatória. O trabalho clínico permite a obtenção de um saber por parte dos sujeitos, mapeamento algumas coordenadas que podem viabilizar formas de ‘se virar’ com a língua. É preciso assinalar que o saber em questão não tem o estatuto de um saber inconsciente, mas de um saber-fazer.

Miller (1997) destacou o valor deste último na psicose a partir do último ensino de Lacan. A direção de trabalho segue, nessa orientação, incentivando a circulação de

pequenos saberes particulares, em detrimento de um saber totalizador e sem furo. A construção de um modo individual de viver com as vozes através da sustentação de um laço de trabalho solidário constituiu-se como alternativa inusitada para lidar com o mal-estar. A interrogação acerca do estatuto que um saber coletivo pode ocupar no dispositivo permeou a condução do trabalho e serviu de pano de fundo à nossa abordagem, que se centrou na procura de formas eficazes de promover invenções de saber a respeito da experiência de ouvir vozes que respeitem e incluam o ritmo e a produção particular de cada sujeito sobre elas.

Alguns efeitos inesperados resultaram da aplicação desse método, como a produção do dito espirituoso e da surpresa, que exemplificaremos nas passagens a seguir:

Uma paciente conta que sua sombra fala com ela. Por isso, refere precisar andar sempre junto com o sol (para não fazer sombra). Na semana seguinte, acrescenta que o sol também fala com ela. Não sabe precisar o quê ele fala, é uma fala sentida no corpo, uma presença: ele está em todas partes. Alguém pergunta: e falar com a lua, você já falou? Ela assinala que não. Então outra pessoa diz: será que existem pessoas que falam com a lua? Outro responde: “Existe sim. São os lunáticos!”.

Uma conversa se estabelece em torno da justeza ou não do emprego do termo ‘maluco’ para se referir a todo aquele que ouve vozes. Uma participante defende de forma radical o uso do termo, dizendo que não liga a mínima quando assim é chamado, pois para ele o dito representa a sua verdade: considera que a sua palavra não tem valor. Justifica dizendo que faz coisas, por vezes, das quais não se lembra, como quebrar a sua casa inteira e que isso é fruto da “tentação”. Toma então a palavra um usuário do CAPS cuja fala tende sempre a ser muito desconexa e desorganizada e que pouco participa das conversas no grupo. Perplexos, o assistimos pontuar que se “de médico e de louco todo mundo tem um pouco”, ele gostaria que sua palavra tivesse valor e diz, inclusive, ter um forte desejo de poder transmitir seus ideais. Passados alguns instantes de silêncio admirativo, o primeiro aquiesce e, pensativo, endereça a seguinte questão ao coletivo: “como é que então a gente faz para não obedecer às vozes?”, redirecionando a sua posição.

Compartilhar as vozes e seus efeitos em grupo pode ser útil para contornar o caráter fora do sentido da experiência, ao introduzir múltiplas e novas formas de se haver com aquilo que se apresenta como resto, desconectado do universo discursivo. É interessante

destacar que a tirada espirituosa e o efeito surpresa se alcançam através de uma manobra que se encontra fora da significação compartilhada, rompendo justamente com a convenção. Surge então um modo de operar com o significante que aponta para o *nonsense* e que localiza o seu lugar na linguagem. Cabe ao trabalho clínico corroborar formas de nomeação daquilo que se coloca fora do sentido, viabilizando a invenção de sentido original pela via do *nonsense*. Visa-se assim possibilitar que modos originais de operar com o significante, excluídos da significação comum, ganhem lugar no campo do Outro (Ribeiro, 2006). Sustentar essa direção provoca efeitos coletivos que favorecem inclusive aqueles que ainda se encontram muito submergidos na experiência de perplexidade. Tendo acesso ao testemunho de participantes que conseguiram estabelecer uma relação mais distanciada com as suas vozes, percebem ser possível o desenvolvimento de truques e de formas de lidar com a experiência e seus aspectos invalidantes.

Verificamos que a categoria leiga “ouvir vozes” abarca uma ampla gama de experiências, dentre as quais algumas de difícil elaboração, produtoras de estranhamento, que não estão comumente associadas àquilo que a psiquiatria costuma chamar de alucinação auditiva. Isso significa que não necessariamente a percepção de ouvir uma voz que fala de fora da cabeça precisa estar presente para que o sujeito se auto-atribua a experiência de ouvir vozes. Alguns sentem que a televisão se dirige a eles, outros relatam essa experiência como um “não conseguir para de falar sozinho”, outro diz “ouvir vultos”, uma mosca conversando, “um repuxamento do lado esquerdo”, “uma mão quente no ombro”, “balas passando pela corrente sanguínea”, um não se reconhecer no espelho, para citar alguns exemplos.

O saber leigo revela aquilo que Lacan (1956-57) demonstrou em seu ensino a partir do estudo da alucinação auditiva verbal: a alucinação vem do Outro, mas concerne ao sujeito em seu ser. Não se trata assim de um possível erro de pensamento ou de um déficit na apreensão da realidade. O que está em questão nos fenômenos psicóticos, sejam eles alucinações, interpretações ou intuições, não é a realidade, a crença ou a sensorialidade que o sujeito lhes confere, mas o fato que estes o visam pessoalmente (Lacan, 1946). A categoria leiga “ouvir vozes” aproxima-se então daquilo que Lacan (1962-63) conceituou como voz e que se distingue da sonoridade, não se definindo nem pela palavra, nem por nada que seja relativo ao falar (Miller, 1997). A voz é uma dimensão própria à estrutura da

linguagem, constituinte do universo simbólico que é paradoxalmente muda, não falante, e diz respeito ao indizível. A voz é parte da cadeia significante e, enquanto ausência, possibilita a atribuição subjetiva, fazendo o sujeito existir. Falar em nome próprio é, então, uma forma de calar a voz.

Na psicose, a voz aparece em sua dimensão de objeto no real, fora de sentido, podendo se fazer presente na linguagem a cada vez que a sua organização se desfaz. A quebra de ligação entre os elementos que constituem a cadeia simbólica faz aparecer o que não pode ser dito. A voz como distúrbio da linguagem (Lacan, 1957-58) faz com que aquilo que não pôde ser assimilado ao eu se apresente como exterior ao sujeito, no campo do Outro, endereçando-se a ele. Essa presença radical do Outro é vivida pelo sujeito em seu corpo e pode se expressar sob o modo falante, mas também escrito, lido ou ainda sentido. Lembremos que a alucinação não é auditiva, mas verbal, o que permite considerá-la como um efeito da relação particular que o psicótico tem com o significante. Nesse sentido é preciso fazer uma distinção entre a presença da voz no real e o conteúdo das vozes - que pode estar presente ou ausente - resposta do sujeito ao enigma que se impõe a ele por essa pura presença.

Recolhemos um exemplo da voz enquanto pura presença a partir de um fato que se produziu no dispositivo grupal e que nos permitiu experimentar os efeitos da tagarelice da linguagem no coletivo. Alguns encontros foram tomados pelo atravessamento de um zumbido crescente: impulsionados pela discussão, os participantes se lançavam em um falatório incessante, surdo e sem endereçamento. A imagem de uma orquestra desencontrada em sua polifonia ilustra o efeito dessa mussitação coletiva. Esse dado clínico nos fez compreender que a dimensão mais fundamental da voz é aquela que revela o objeto como puro resto, dejetado do mundo, lixo que atravanca, mas que aponta para a existência de um sujeito ainda não localizado.

A voz não se manifesta então apenas como dito, mas se relaciona a todo um conjunto de alterações que atestam o parasitismo da linguagem e afetam a experiência de si, dos outros e do mundo. O psicótico é, segundo Lacan (1967), aquele que carrega o objeto *a* no bolso e isto se demonstra através de suas vozes. A voz enquanto figura do sem sentido, possibilita ampliar nosso enfoque acerca dos distúrbios da linguagem e permite defini-los pelo seu caráter de perplexidade, vazio de significação que retorna no corpo. Os distúrbios

da linguagem atestam a verborragia da linguagem sem ponto de basta, desarrimada, invadindo o sujeito. Essa perspectiva permite retomar a indicação freudiana de que a alucinação seria uma tentativa de cura na esquizofrenia (Freud, 1911): ao se fazer presente enquanto significante no real, a voz localiza em um dito exterior aquilo que costuma se passar no nível do corpo, permitindo que o sujeito possa, em um segundo tempo, dar um nome que fixe e organize a experiência.

A voz não está dissociada da forma como se opera a constituição do texto simbólico para cada um, marcando a sua singularidade e a sua história. A clínica psicanalítica nos ensina que há uma infinidade de formas de manifestação da voz que se ligam de maneira indissociável ao modo de inserção na linguagem. Há uma dimensão que é, portanto, individual e intransponível que torna a voz sempre *única* e não idêntica à de um outro ouvidor de vozes. Como então coletivizar essa experiência? Como compartilhar sem se identificar com a experiência do outro?

Uma manobra clínica é exigida de modo a dar coletivamente crédito a todas as vozes narradas, realizando, por exemplo, aproximações e rupturas entre as diferentes experiências descritas. Há uma tendência em não se identificar com a vivência do outro (“no meu caso é diferente”) ou até em desqualificá-la (“não é voz, é pensamento, ele é que não reconhece”). O vivido alucinatorio não provoca comunhão, é uma experiência radicalmente particular. Mas, paradoxalmente, esse pretense problema ganha aqui o estatuto de solução: a incompatibilidade impede a cola grupal, o grude imaginário entre os seus membros. Torna possível, ao se demarcar e positivar a diferença, o intercâmbio, a troca, o diálogo: ao não se tratar do igual, abre-se a possibilidade de fazer existir a dimensão do semelhante. Essa dimensão introduz uma distância necessária que possibilita olhar para o outro enquanto outro e, ao mesmo tempo, força o sujeito a se separar um pouco de suas vozes.

O caráter inovador desse dispositivo repousa no fato de disponibilizar o material produzido pelos ouvidores de vozes em um coletivo, de modo a possibilitar usos particulares daquilo que retorna desde fora para os sujeitos. Uma espécie de oficina de reciclagem do lixo que retorna do real. Mas, como acolher afinal os estilhaços produzidos pelo encontro explosivo do sujeito com a alteridade? Como propor um dispositivo de fala a pessoas cuja linguagem se apresenta de forma excessiva e não organizada? Dar um novo

uso a esse material pode conferir um valor de bricolagem ao trabalho, permitindo a entrada de elementos heterogêneos que, por serem usados de forma individual por cada participante, marcam lugares singulares para cada sujeito em relação a um grupo. A constituição de um laço entre os participantes permite inclusive acolher a crise, com intervenções desenhadas pelo sujeito e pelo grupo. Lacan (1972-73) sugere que os amigos se escolhem e se reconhecem na coragem de suportar o Outro e seus efeitos nocivos. Um participante, ouvidor de vozes há 30 anos, indicou a outro, jovem ouvidor que tendia a considerar a experiência negativa, querendo erradicá-la: “A gente reclama das vozes, mas o problema é que quando elas somem, deixam saudade”.

Uma outra situação interessante ocorreu quando um participante, que estava há semanas queixando-se de seu senhorio e dizendo-se farto de escutar injúrias alusivas a toda vez em que se cruzavam na vizinhança, comunicou ao grupo que havia tomado... a decisão de matá-lo! Tentávamos todos, em vão, dissuadi-lo dessa idéia. A tensão subia no grupo até que de repente outro participante exclamou: “Você está sempre reclamando desse seu senhorio, mas afinal porque ao invés de sujar a sua mão, você não se muda?” O primeiro acatou a solução e voltou uns dias depois, dizendo-se satisfeito com a nova moradia.

Os grupos de ouvintes de vozes demonstram o quanto é possível construir um cuidado que parta das soluções particulares que os sujeitos são capazes de construir para enfrentar os fenômenos que vivem. Para isso, é necessário depositar uma confiança nesses fenômenos e apostar no saber leigo. Não basta pensar qual o lugar que a norma e o universal podem ter para a loucura, mas fazer das invenções de saber psicóticas um instrumento para problematizar a norma e o universal. Há aqui uma inversão de paradigma que deve ser assinalada: é a clínica da psicose que ensina sobre a clínica em geral. E ela ensina justamente que pode haver uma variedade de soluções, de arranjos, de possibilidades para além daquilo que os tratamentos *standard* preconizam. É preciso então aplicar a psicose aos diversos saberes vigentes e não o contrário, ou seja, é preciso que estejamos dispostos a aplicar giros conceituais em nossos saberes prévios, operando modificações teóricas e recolhendo conseqüências clínicas. Para finalizar descreveremos algumas soluções individuais viabilizadas pelo dispositivo:

Um participante comparece ao grupo após um certo período de ausência. Disse que estava vindo me agradecer por uma pergunta que eu havia feito e que havia possibilitado

que encontrasse um novo sentido para as suas vozes. Um pouco apreensiva, peço que esclareça que pergunta havia sido essa. Ele então conta: “Você me perguntou se eu já havia tentado conversar com as vozes. Fui para casa com aquela pergunta na cabeça e fiquei pensando, pensando... até que, de repente, entendi: Como eu sou mal educado! As vozes falam e eu não respondo, mas que indelicadeza a minha! Agora, quando elas começam a me xingar, digo a elas que não precisam se ofender, que já vou lhes dar atenção, etc”.

Outro participante sofria muito com o conteúdo de suas vozes. Estas diziam coisas a respeito de sua família que não concordava e não queria ouvir. As vozes insistiam e se diziam detentoras da verdade. Um dia se fartou de ouvir as calúnias que as vozes veiculavam e lhes lançou um desafio: já que estas diziam tudo saber, pois então que lhe dissessem quais seriam os números sorteados na loteria. Resolveu, por via das dúvidas, fazer a sua aposta, mas conta que nunca se sentiu tão satisfeito em ter perdido...

Os depoimentos relatados mostram que é possível dar um uso a esses restos, construindo um percurso a partir do que os letreiros borrados do Outro assinalam através de suas pequenas setas indicadoras (Lacan, 1956-57). Acreditamos ter contribuído para tornar os exemplos paradigmáticos do saber que é possível de ser retirado quando nos colocamos dispostos a recolher e trabalhar com os pedaços de real que os pacientes nos dão a chance de conhecer. A saída espirituosa pode ser uma arma interessante na psicose contra as investidas do real e do gozo insensato do Outro. Alguns pacientes manifestaram que a frequência ao dispositivo diminui o acossamento causado por uma escuta alucinatória incessante. Dar voz aos que ouvem vozes é uma estratégia clínica que não está desarticulada da política, pois tem no horizonte o objetivo de disponibilizar um certo saber-fazer com as vozes para todos aqueles que dele precisarem, além de coletivizar uma experiência que ainda hoje carrega o forte traço da segregação. Os grupos de ouvidores de vozes se inscrevem assim como um dispositivo capaz de silenciar a voz tonitruante do Outro na psicose.

Referências Bibliográficas

FREUD S., (1911) “Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia”. In: *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição Standard Brasileira, vol. XII, Rio de Janeiro, Imago, 1989.

LACAN, J. (1946) "Formulações sobre a causalidade psíquica". In: *Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998.

_____ (1955-6) *O Seminário, livro 3 : as psicoses*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985.

_____ (1957-8) “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose”. In: *Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998.

_____ (1962-63) *O seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005.

_____ (1967) “Petit discours aux psychiatres”, Bibliothèque Pas-tout Lacan, disponível em <http://www.ecole-lacanianne.net/pastoutlacan60.php>, acesso em 11/08/2009.

_____ (1972-3) *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985.

MILLER, J.A. *La Conversation d'Arcachon. Cas rares: les inclassables de la clinique*.(org.). Paris, Seuil, 1997.

_____. “Jacques Lacan y la voz”. In: *La voz*, Colección Orientación Lacaniana, EOL, 1997.

RIBEIRO, M.M.C. *O riso na clínica das psicoses*. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2006.

ROMME, M. e ESCHER, S. *Na Companhia das Vozes. Para uma análise da experiência de ouvir vozes*. Editorial Estampa, 1997.

VASCONCELOS, E M. *O poder que brota da dor e da opressão: empowerment, sua história, teorias e estratégias*. São Paulo, Editora Paulus, 2003.